



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

FRONTEIRAS POROSAS NA INTERFACE DE DISCURSOS CULTURAIS BRASILEIROS

Olga Maria Castrillon-Mendes

Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Cáceres

Olgmar007@hotmail.com

Tendo surgido no cenário mundial na primeira década do século XVIII, Mato Grosso faz parte do processo histórico que contribuiu para formulação da ideia de espaço distante do centro de poder, portanto, lugar de pouco acesso e muitas dificuldades, de discussões de fronteiras polêmicas em meio a conflitos e relações diplomáticas internacionais, cujas *raias* não só delinearão a geografia, mas atribuíram sentido à configuração do Brasil grande que se tem hoje. Constituiu-se, dessa forma, uma cultura plural e o desenvolvimento de variados sentidos de nação e nacionalidade.

Com essa marca atravessou cerca de três séculos com uma produção intra-muros, embora se tenha notícia, no setecentos, de alguma efervescência cultural durante a administração colonial de eminentes governantes nomeados pela Coroa Portuguesa¹.

Esse aspecto social que passa também por questões econômicas, sempre foi motivo de desacomodação por parte dos intelectuais. Como é possível pensar a diversidade sem que se imprima, em outros moldes, a discussão entre termos antagônicos (quase irreconciliáveis) como “centro” e a “periferia”? Questiona-se o sentido de uma produção literária brasileira que ultrapasse a dissociação dos conceitos local/universal e ganhe o estatuto de simplesmente ser arte brasileira, pois não há como admitir que os considerados pólos de produção continuem a assegurar na prática o que abominam na teoria, tendo em conta um mundo que se desenha de fronteiras múltiplas.

Nesse aspecto, retomo a fala de Benjamin Abdala Junior² em que defende o momento da “reactualização do mundo”, ou seja, tolerar a diferença, partindo para uma postura de “não ver o outro especularmente, reproduzindo meus atos, mas aprender com ele”. Então é preciso mudar a forma de dizer (e fazer), ou seja, pensar na

¹ Na dissertação de mestrado *Nas raias de Mato Grosso: o discurso de constituição da fronteira* (Unicamp, 2000) discuto, na perspectiva discursiva, a questão de fronteira no discurso das cartas e relatos de administradores coloniais.

² Conferência proferida no XI Encontro de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa Literatura, Comparatismo e Interdisciplinaridade, no período de 11 a 13 de maio de 2011 – FFLCH/USP.



perspectiva das articulações de modo a não continuarmos aprisionados pela forma, mas romper com elas a partir de novas posturas.

Há, nessa abrangência de discursos, um elo com o político e com as relações de poder, que traça limite, demarca estereótipos e contribue para a compreensão da ideia de Brasil nas interfaces da busca do seu sentido enquanto nação “expressa através da ciência e da literatura nativas e o despertar para a fascinação pela paisagem natural” (MANTHORNE, 1996, p. 70). Provoca, desta forma, a epopéia fascinante da construção de uma memória americana pelas experiências transformadas em textos que constroem imagens plurais da América, compreensíveis nos/pelos espaços descobertos, nomeados, estabelecidos pelo maravilhoso-exótico que avizinham a história do fantástico e a produção do imaginário europeu. Portanto, uma historicidade marcada e reconhecidamente modelada por práticas alienantes, embora nos encontremos hoje num outro momento da discussão e, talvez, mais cristalizado pelas abalizadas discussões acadêmicas advindas, principalmente, dos centros do poder intelectual.

Nessa perspectiva e tentando fundamentar os propósitos do nosso foco de estudo e desta comunicação, os conceitos confluem para uma produção literária brasileira de/em de Mato Grosso, nas interfaces que carregam consigo as questões mais prementes entre regionalismos e identidades culturais, colocando em xeque a discussão de “margem” no processo de constituição da cultura brasileira. Delas surgem noções de raça, de povo, de paisagem, de espaços de significação na sobreposição, deslocamentos e “entrelugares” da diferença em que foram e são negociadas as representações de poder - questões corroboradas pela linguagem que, performativamente, cria condições de cristalização dos discursos de que fala Homi Bhabha (1998). Então, não é simplesmente rediscutir a tradição, mas reencená-la em outras temporalidades culturais.

E, afinal, o que é *tradição*? O que significa pensar numa produção “regional”, num conceito de Mato Grosso? Essas questões possibilitam realinhamento de conceitos que se busca compreender numa visada resultante dos embates plurais de cultura.

2.

Nas questões de fundo emerge a origem dos acontecimentos através dos quais o Estado representa seus conflitos seculares, seja através do discurso dominante, seja pelos mecanismos de articulação social. Mato Grosso constitui-se, pelas diferenças, do (des)encontro de culturas (i)migrantes que não se entendem no/pelo limite do



geográfico mas no amálgama que definiu, no século XIX, as lutas pela institucionalização do estado/nação, ao lado das repúblicas latino-americanas. Tem-se presente, além da construção do próprio sistema e da tradição, que definem a cultura e a literatura de uma região, a fusão de elementos que Mário de Andrade irá se ocupar nas primeiras décadas do século XX, mas já preconizadas nas “impressões dolorosas” dos “ignotos sertões” de Euclides da Cunha. Alguns desses escritores manifestam em maior ou menor grau a continuidade literária, definindo a tradição que é, na visão de Antonio Candido, “o conjunto de elementos transmitidos, formando padrões que se impõem ao pensamento ou ao comportamento e aos quais somos obrigados a nos referir, para aceitar ou rejeitar. Sem esta tradição não há literatura, como fenômeno da civilização” (CANDIDO, 1997, p. 24).

Pensa-se, assim, numa “elaboração dos objetos essenciais da representação regional no conjunto (e na disputa) do discurso nacional que, por seu turno, elege e cria determinadas regiões como legítimas representantes do nacional” (LEITE, 2005, p. 201-223). Nesse aspecto Antonio Candido (op. cit., p. 10) ainda nos serve de base quando refere-se à fase da formação da literatura brasileira como uma conjunção de interesses regionais, com suas culturas “pobres e fracas”, mas são elas e não outras que nos constituem. O olhar de fora contribuiu numa fase de construção dessas imagens; hoje, outros paradigmas de criação literária têm-se colocado como fundamentais para se pensar esses lugares e seus (des)limites.

Esse ponto leva a outro também essencial nessa discussão embora, como diz Leyla Perrone-Moisés (2007, p. 9-19), não se pretenda uma delimitação de conceitos, mas o modo como o *corpus* literário entra na sua rediscussão, pois as fronteiras “na literatura ocidental são e sempre serão porosas”, tanto nos *centros*, quanto nas *periferias*. A literatura ocidental sempre foi supranacional, pois universalizante. Então, pensar os conceitos complexos (e até certo ponto gastos) pode-se dar pelos textos literários que dizem muito sobre identidade, alteridade, nação e cultura.

Os primeiros grupos de interessados no “resgate” das manifestações culturais de Mato Grosso compilaram produções esparsas de membros do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (1919) e da Academia Mato-grossense de Letras (1921) escritas em periódicos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

A pioneira obra *História da literatura mato-grossense*, de Rubens de Mendonça (1970), constituiu o trabalho *necessário* para a sua época e, por mais de três décadas, foi a única fonte de pesquisa sobre a historiografia literária brasileira produzida em Mato Grosso, ao lado da *História da cultura mato-grossense*, de Lenine Póvoas (1982). Isto significa que, até 2001 e 2004, quando são editadas a *História da literatura de Mato Grosso: século XX*, de Hilda Magalhães e *Panorama da literatura e da cultura de Mato Grosso*, de Carlos Gomes de Carvalho, respectivamente, há um vazio que careceu de estudos verticalizados da produção literária do Estado. Não há, nessas produções preocupação teórico-crítica, mas um sentimento de pertencimento e a manifestação de um discurso marcadamente regionalista. Apenas na historiografia de Hilda Magalhães, já se questiona sobre a existência (ou não) de uma “literatura mato-grossense”. Desde então a literatura começa a adquirir características próprias, inaugurando um sistema literário já iniciado pelas Revistas Pindorama (1939), Ganga (1949) e os Jornais Arauto da Juvenília (1949) e Sarã (1951). Mário César Leite diz que

Esse grupo aparece, a princípio, como reação ao domínio, predomínio, do grupo anterior e não se opõe exatamente à produção ou ao discurso regionalista, mas sim à produção e ao discurso antigo, passadista. No Mato Grosso dos anos 40 aparecem os chamados modernistas. O embate desenvolve-se na configuração do novo versus o antigo, academicismo ou parnasianismo (ou até mesmo romantismo tardio e permanente) e os novos modernistas (LEITE, 2005, p. 242-243).

Escritores como Silva Freire, Wladimir Dias-Pino, Rubens de Mendonça, Gervásio Leite, Lobivar de Matos, entre outros, trabalham em torno da publicação de manifestos de vanguarda e buscam um lugar de “renovação literária”. Portanto, são discursos que começam a ser observados à luz da *diferença*, mas ainda sob os influxos de intelectuais que se formavam nos centros de excelência como Rio de Janeiro. Uns inovam no tema, outros na experimentação linguística, realizando (ou Tateando) as propostas das Revistas e movimentos ditos de vanguarda.

Nesse aspecto, em que não se descartam as forças de grupos hegemônicos, é necessário pensar que o Regionalismo, como propriedade básica da literatura brasileira esteve embrionariamente, ligado à geografia, dado o processo de povoamento das



regiões distantes e diferentes entre si (litoral nordestino, litoral fluminense, interior mineiro, *sertão* de Mato Grosso). No entanto, a historiografia data essa classificação com José de Alencar e Gonçalves Dias, que procuraram fundar a nobreza do país em um passado mítico, passando, em seguida, por continuidades e rupturas. De Silvio Romero, a Nina Rodrigues e de Euclides da Cunha a Gilberto Freyre, o conceito se mobiliza de *raça* para *cultura* na perspectiva de análises em diferentes matizes, levando em conta os modos de conhecer e de organizar a sociedade. Freyre positiva o mestiço e permite completar os contornos de uma identidade retrabalhada, pois nos anos 30 do século XX a ideologia do Estado Novo fortalece o *trabalho* como pedra de toque essencial para a idéia de progresso. Os anos 60 e 70, capitaneados por Darcy Ribeiro, voltam-se para as culturas de “transplantação”, discutindo problemas no âmbito mais abrangente sem, contudo, abandonar os pensamentos nacionalistas brasileiros (RIBEIRO, 2006).

No ensaio de Néstor Canclini (2003), o estudioso argentino modifica a forma de tratar a identidade e a cultura, relativizando os conceitos. Lançando mão de uma abordagem interdisciplinar e intercultural, Canclini tenta compreender o diálogo entre as culturas erudita, popular e de massa, como já havia pensado em *Socialização da arte* (CANCLINI, 1984), estabelecendo o esforço de afirmar o fenômeno da “hibridação” cultural nos países latino-americanos. Dessa forma, a cultura é pensada na complexidade das relações da forma como se configuram na modernidade, o que para ele “não terminou de chegar”. Sem deixar de lado os termos, pretende repensar identidades sob novos pares como sincretismo e crioulização, permitindo-se elaborar as “tensões das diferenças”.

Em alguns aspectos seu pensamento se coaduna com o de Boaventura Santos, no sentido de que é possível uma postura de “auto-conhecimento” e não só de conhecimento, reacendendo as reflexões e “ultrapassando as fronteiras, o nacionalismo, a língua, a ideologia, as novas identidades regionais e locais” (SANTOS, 2003, p. 22). Por isso, o discurso regionalista acompanha o de identidade(s), não menos polissêmico e fluido, pois no momento de transição paradigmática, é preciso identificar as virtualidades e as dificuldades da sociedade e dos sujeitos, atingindo os modos de conhecer que devem estar ligados à transformação dos modos de organizar a sociedade.

Com tais reflexões, a análise dos diversos processos culturais, redefinem formas de conflito geradas na interculturalidade recente em meio à decadência de projetos



nacionais de modernização da América Latina, cujas operações epistemológicas encontram-se enriquecidas com as de Homi Bhabha, vistas como recursos para reconhecer o diferente e elaborar as tensões. Nesse aspecto, as fronteiras tornam-se “porosas”. Ou seja, a modernidade descontextualizou a identidade, propondo revisões de paradigmas sobre os discursos e as práticas sociais. Usando Fanon para interrogar a identidade, Homi Bhabha desloca a relação colonial para colocar o sujeito no momento de transição “em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão” (BHABHA, 1998, p. 19). São recontextualizações que mudam o olhar na direção de reelaborar idéias cristalizadas, como as que se dão quando se pensa em regionalismos e identidades.

Desta forma, ao reencenar o passado, a tradição é reinventada. Não há, portanto, uma identidade original, mas embate de identidades de fronteiras fixas e/ou móveis, estabelecendo situações de reconstrução e intervenções nas condições políticas do presente.

Assim, pensa-se Mato Grosso, como o resto do Brasil, a partir da intervenção do “outro”, disseminando-se idéias estigmatizadas alinhadas, principalmente, desde os debates sobre a inferioridade do Novo Mundo postos pelos estudos de Antonello Gerbi sobre o continente americano e seus habitantes (GERBI, 1996).

Se o espaço de que estamos tratando fez parte de um complexo muito mais abrangente, como se estaria, aqui, pensando periferia? Em relação a que(m)? Pois não se pode com isso, cair na redundância de se estar criando um outro centro e outras periferias.

3.

Consideradas as diferentes regiões, o desenvolvimento econômico e a evolução social foram heterogêneos, formando “ilhas” sociais caracterizadas pelas singularidades locais necessárias à compreensão do Brasil regional, como analisado por Antonio Candido, revendo a tradição literária:

Um historiador contemporâneo, [Jaime Cortesão], se recusa a falar em Colônia, acentuando o fato [...] de que houve na América não uma, mas



várias Colônias portuguesas. Trazendo a idéia para o terreno da literatura, Vianna Moog procurou interpretar a nossa literatura em função do que chamou “ilhas de culturas mais ou menos autônomas e diferenciadas’, caracterizadas cada uma pelo seu ‘*genius loci* particular’ (CANDIDO, 1997, vol. 2, p. 237, grifo meu).

Essa ideia já utilizada pelo diplomata de fronteira trata das questões geradas pelo Tratado de Madri, de 1750³. Assim, a visão fragmentada acentua ainda mais as diferenças. São desafios que sempre perturbaram os estudiosos das ciências sociais e humanas, uma vez que a produção literária brasileira tem-se manifestado como parte orgânica do conjunto das literaturas e das condições do chamado Novo Mundo. Por isso, os conceitos não se firmaram e todo o panorama se revelou matizado e relativo pelos efeitos causados pelos transplantes causados pelo processo colonial. Houve, portanto, incompatibilidade entre o colonizador e o colonizado, o que gerou o apagamento de uma cultura por outras tidas como superior. Daí as dificuldades geradas pelos contatos quase sempre conflituosos.

A adaptação das literaturas, desde então, passa por instrumentos de expressão variados ao longo dos quais vai-se tornando cada vez mais ajustada às novas realidades e definindo suas particularidades. Com efeito, entre a matriz culta e a popular criam-se as divergências e, como diz Antonio Candido o duplo movimento de formação.

De um lado a visão da nova realidade que se oferecia e devia ser transformada em ‘temas’, diferentes dos que nutriam a literatura da Metrópole. Do outro lado, a necessidade de usar de maneira por vezes diferente as ‘formas’, adaptando os gêneros às necessidades de expressão dos sentimentos e da realidade local” (CANDIDO, [1987]2007, p. 14-15).

De certa maneira esse imperativo constituiu formas de expressão próprias de que a literatura se nutriu para ir se afastando dos padrões postos. No dizer de Afrânio Coutinho ([1959]1966, p. 201-6), o que importa são as culturas marcadas pela importância que tiveram como focos regionais de produção literária. Em todos os

³ Mato Grosso resguarda, na cidade fronteiriça de Cáceres, o único monumento-símbolo resultante da diplomacia entre os principais países ibéricos colonialistas. Cf. MENDES, N. F. *O marco do Jauru*. Cáceres-MT, ed. do autor, 1981.



tempos esses focos atuaram como fontes fecundas de variedade, de estímulos espirituais e artísticos. Para o crítico, a literatura no Brasil fenece (ou os escritores) sempre que se distanciam daquelas fontes locais. A posição de Coutinho é, hoje, revalorizada. O direito às raízes leva ao sentido dos indivíduos “translocalizados” o que gera, não um sentido de lugar específico, mas de (ultra)passagem de fronteiras que passa pela necessidade de repensar os atores e a ação social (SANTOS, 2003). Nesse sentido, as diferenças colocam o outro como sujeito ativo diferente da perspectiva hegemônica, ou um “modelo supranacional” de que trata Abdala Junior na citada conferência.

Nesse panorama, pode-se reverificar a produção brasileira de/em Mato Grosso inserida sutilmente no projeto de formação da identidade nacional a partir da produção do Visconde de Taunay⁴. Mesmo tendo ambientado a sua obra mais conhecida *Inocência* nos sertões sul-matogrossenses, pouco se conhece sobre a enorme influência que a região exerceu no espírito do escritor e nos diferentes rumos que as discussões sobre Regionalismo e Paisagem poderiam ter tomado pela historiografia literária e pela história da arte. Taunay possui obras emblemáticas para se pensar a formação do romance na literatura brasileira a partir de uma ótica “interiorizada”. Trata-se de um escritor viajante que, como relator da expedição militar na guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1864-1870), cria imagens de um Brasil desconhecido dos brasileiros, possibilitando repensar os processos discursivos da própria história literária.

Essa reflexão sobre os movimentos de circulação e inserção de uma estética da identidade nacional abre-se para a constituição do imaginário cultural da literatura para além do hierárquico e homogêneo, para ensaiar uma perspectiva do heterogêneo e do plural na constituição da historiografia histórica e literária. Nessa linha, os textos produzidos em Mato Grosso são discursos que permitem rediscutir o alargamento das fronteiras do que se concebe por cânone, resignificando o papel das margens na sua reconfiguração.

Pensar esses aspectos conduz à discussão sobre um conceito de/sobre Mato Grosso. Qual o seu sentido no contexto do que estamos aqui discutindo?

Gestadas desde a segunda metade do século XIX, momento em que, no Brasil, tanto a língua quanto a literatura, eram individualidades que se completavam, em Mato

⁴ Cf. CASTRILLON-MENDES, O. M. *Taunay viajante e a construção imagética de Mato Grosso*. Tese de doutorado. IEL/UNICAMP, 2007.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Grosso, as questões de fronteira (re)definiam o panorama mundial e os domínios na América do Sul. No período de constituição do leitor brasileiro, cujos mecanismos tinham sido impulsionados pela estética romântica, Mato Grosso vivenciava, em um tempo *fora de lugar*, o auge da publicação dos romance-folhetins, ao mesmo tempo em que seu território era vasculhado por expedições científicas naturalistas, como a do francês Castelneau (*Expedições às regiões centrais do Brasil*), do italiano Bartolomé Bossi (*Viaje pintoresco por los rios Paraguai, São Lourenço e Cuiabá – 1863*); do norte-americano Herbert Smith (*Do Rio de Janeiro a Cuiabá, 1881*) e dos brasileiros João Severiano da Fonseca (*Viagem ao redor do Brasil, 1880*) e Barbosa Rodrigues (1897), entre outras.

Em meio aos mecanismos históricos de circulação externa, contribuía para legitimar um discurso *sobre* o Brasil, desta feita, o Brasil mais interior, de certa forma desconhecido e vilipendiado, ora determinando a história desses processos, ora mostrando os apagamentos da memória existente. Um complexo de formação, vinculado à tradição herdada que remonta há séculos de entradas, bandeiras, aprisionamento e submissão de índios e negros, ocupação e devastação de terras, olhares estrangeiros de viajantes de todas as partes do mundo, criando estereótipos e (pre)conceitos.

No estudo da obra de Alfredo Taunay, falávamos do projeto monárquico de uma hipotética unidade nacional. Seguindo outros desdobramentos que essa idéia acarreta, a pluralidade de que se constitui a cultura nacional, foi (e continua a ser) um processo em movimento multidimensionado pelas diferenças. Ou seja, o “plural, mas não caótico” defendido por Alfredo Bosi como linhas de força que remetem às estruturas sociais de “ritmos diversos” com os quais é preciso aprender a olhar os novos contornos com distanciamento perceptivo das relações dialéticas da fundação à pluralização dos sistemas (BOSI, 1987).

Pelo viés da cultura, pode-se vislumbrar como os quadrantes do mundo compuseram o mosaico cultural dos povos, até o ponto em que, hoje, é visto por olhares caleidoscópicos que traçam a forma de ver e de sentir as próprias manifestações artísticas, enfim, a nossa *paidéia*, que nos inscreve como membros de um vasto círculo de povos.



Então, o que fizeram com a literatura e com a cultura, ao longo dos tempos, constitui um paradoxo social, apesar da avalanche editorial do mundo contemporâneo, pois nunca se publicou tanto como hoje, mesmo frente à crise global que tem transformado os modos de conhecer e de organizar a sociedade. Tal diversidade coloca-nos frente aos processos de transição, pela proximidade crítica da tradição.

4.

Voltamos, assim, ao ponto de partida da nossa conversa.

Os *topoi* representativos do que se considera esteticamente *localizado* constroem discursos que orientam, e mesmo, determinam uns sentidos e encobrem outros, produzindo evidências que se ligam em campos de disputa e elaboração constantes. Pois não é pela classificação literária tradicional, nem pela forma estereotipada que esse *local* deve ser trazido como matéria de composição, mas pela universalidade de conceitos que operam a história da sociedade.

Ao discutir sobre os discursos culturais que redesenham práticas humanas nos espaços contraditórios, há uma tentativa de ressignificação das diferenças. As representações literárias que constituem os não lugares dos discursos homogêneos criam gestos de interpretação do sujeito em espaços que modificam o “modo de falar” sobre literatura, regionalismo e identidade (CANCLINI, 2003), traçando caminhos para compreender a porosidade dos conceitos (HALL, 2006), no sentido de reencaminhá-los por um sistema plural de significação, no trânsito das figuras complexas de diferença e identidades que contribuem para a construção de imagens e estereótipos. Nesse sentido, é preciso analisar as convergências dos fatores locais, ao mesmo tempo nacionais e universais que identificam uma literatura brasileira autônoma (CANDIDO, 1997) que vai da noção de fundação à pluralização dos sistemas.

As fases pelas quais tem passado a produção cultural em Mato Grosso podem ser compreendidas, grosso modo, por momentos significativos e que merecem cuidadoso estudo. O primeiro, da formação, parece ser fundamental para a compreensão da manutenção do ranço colonial dos primeiros textos de criação - louvação dos ilustres, isolamento e exotismo da terra. Ressaltam-se neste rol, os relatos dos cronistas e das



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

expedições científicas⁵ que acompanho aqueles que os tratam como *textos de fundação* da imagem de um Brasil interior que se queria conhecido e explorado e que Antonio Candido examinou como manifestações literárias de uma cultura em formação (CANDIDO, op. cit.).

Num segundo momento, de esboço de um “sistema literário” envolve uma “consciência de grupo” (CANDIDO, ibidem) liderado, principalmente, por integrantes da Academia Mato-Grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Nesse aspecto é importante verificar a função dos periódicos em número considerável que foram responsáveis pela circulação dos folhetins que adquiriram características diferenciadas, “atestando total independência do perfil consagrado do gênero nos grandes centros mundiais de cultura: Paris e Rio de Janeiro” (NADAF, 2002, p. 207).

Finalmente, o momento de construção da crítica acadêmica fomentada pelas universidades públicas e por pesquisadores que dão visibilidade aos acervos encontrados em variadas partes do Brasil e do mundo.

Tais textos são constitutivos dos sentidos dos discursos *sobre* Mato Grosso e formam os arquivos que se fazem não só com o registro e guarda de documentos, mas com diferentes gestos de leituras necessários à construção do fazer literário, definitórios dos caracteres do valor e da função das obras.

Então é necessário destruir as realidades bem constituídas em nosso imaginário como “sertão bruto”, “inculto povo”, “longínquos rincões”, como propõe Benedict Anderson que se volta para o estudo das nações sem a noção de pertencimento, mas num processo de “desterritorialização”, ligando o conceito de nacionalidade à “comunidade imaginada”, no sentido de criação de novas formas de construção. Dessa maneira, nega-se a verdade absoluta e o texto sacralizado, pois os acontecimentos coexistem no mundo e são compartilhados (ANDERSON, 1983).

Por essas (e outras) vias, os fenômenos começam a ser interpretados. Resta-nos imprimir neles as características orgânicas de sistema para que haja possibilidade de des-cobrir os critérios estéticos que irão construir a nossa história social.

⁵ Em *História da cultura mato-grossense*, Lenine Povoas propõe essa divisão na primeira fase da produção colonial em Mato Grosso (Cf. PÓVOAS, 1982, p. 19-31).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Este evento pode funcionar como mais um esforço da vontade de vencer obstáculos que nos impedem de vislumbrar perspectivas de participar de uma *revolução* cultural que pode ter início aqui e continuar em outros setores da vida social, sucessivamente, como uma grande avalanche de vontades em busca de um *ideal consciente* ou, na tese de Boaventura Santos, “reinventar o futuro como única saída para a exploração de novas possibilidades e vontades humanas”, um deslocamento que permita a “heterotopia”, do centro para a margem.

Essa é a nossa proposta no encaminhamento destas embrionárias discussões, esperando que o auto-conhecimento converta nossas práticas sociais em potencialidades universalizantes.

Referências bibliográficas

ANDERSON, Benedict [1983]. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço L. Reis, Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BOSI, Alfredo. *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1987.

CANCLINI, Néstor G. *A socialização da arte*. São Paulo: Cultrix, 1984.

_____. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloiza Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. São Paulo: Edusp, 2003.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 2 volumes. 8 ed. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia, 1997.

_____. Literatura e subdesenvolvimento. In: *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006 (169-196).

_____. *Iniciação à literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

CARVALHO, S. Carlos Gomes de. *Panorama da literatura e da cultura em Mato Grosso*. 2 volumes. Cuiabá-MT: Verdepantanal, 2004.

CASTRILLON-MENDES, Olga Maria. Taunay e a formação do romance em Mato Grosso. IN: ZATTAR, Neuza et al. *Fronteiras discursivas: espaços de significação entre a linguagem, a história e a cultura*. Campinas-SP/CAPES/PQI/UNEMAT: Pontes, 2007 (255-263).



- COUTINHO, Afrânio [1959]. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1966.
- GERBI, Antonello. *O novo mundo: história de uma polêmica (1750-1900)*. Trad. Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- HALL, Stuart [1992]. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz T. Silva & Guacira L. Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LEITE Mário César Silva. Literatura, regionalismo e identidade: cartografia mato-grossense. In: _____ (Org.). *Mapas da mina: estudos de literatura em Mato Grosso*. Cuiabá-MT: Cathedral Publicações, 2005 (219-254).
- MAGALHÃES, Hilda G. D. *História da literatura de Mato Grosso: século XX*. Cuiabá-MT: Unicen Publicações, 2001.
- MANTHORNE, Katherine E. *O imaginário brasileiro para o público norte americano do século XIX*. Revista USP – Dossiê Brasil dos Viajantes. Junho/agosto, 1996 (58-71).
- MENDONÇA, Rubens [1970]. *História da literatura mato-grossense*. 2 ed. Especial. Cáceres-MT: Ed. UNEMAT, 2005.
- NADAF, Yasmin Jamil. *Rodapé das miscelâneas: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Vira e mexe, nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- PÓVOAS, Lenine C. *História da cultura mato-grossense*. Cuiabá-MT: Ed. do autor, 1982.
- RIBEIRO, Darcy [1995]. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- SANTOS, Boaventura Souza. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2003.